

OS ESPAÇOS CULTURAIS E SEU PAPEL NA RESSIGNIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO

Carlos Otávio Zamberlan¹
Noellen Silva Amorim Feuser²
Aslan Viana de Lira da Anunciação³

RESUMO

As exigências contemporâneas para o desenvolvimento nacional salientam a necessidade de melhorias emergenciais na educação e práticas educativas alternativas que proporcionem a formação de cidadãos preparados para os desafios do século XXI. Este trabalho levanta uma discussão sobre a utilização de métodos não formais de ensino como forma de corresponder aos paradigmas, necessidades e a maneira de pensar da modernidade. O objetivo é identificar o modo como os diretores das escolas municipais de Ponta Porã/MS (Brasil), cidade conurbada com Pedro Juan Caballero (Paraguai), percebem a educação não formal na complementariedade da educação tradicional/ formal, especialmente com o uso de espaços culturais. Os dados foram coletados pelo método qualitativo grupo focal e para análise de informação foi utilizada a técnica de análise de discurso. Os resultados revelaram que o ensino formal aliado aos espaços não formais pode contribuir no processo de efetivação de uma educação de qualidade.

Palavras-chave: Educação não formal. Espaços culturais. Interatividade. Desenvolvimento

ABSTRACT

The contemporary requirements for national development highlight the need for emergency improvements in education and alternative educational practices that provide citizens formation prepared for the challenges of the twenty-first century. This article seeks to identify

¹ Graduação em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (1999) e mestrado em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (2006). Doutor em Economia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e docente do programa de pós-graduação em Desenvolvimento Regional e de Sistemas Produtivos (PPGDRS) – UEMS, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, e-mail: carlos.otavio@uems.br.

² Bacharel em Administração com habilitação em Comércio Exterior pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS (2007); Mestre em Desenvolvimento Regional e de Sistemas Produtivos PPGDRS/ UEMS (2016). Pós graduada em Gestão Empreendedora de Negócios pelo Centro Universitário da Grande Dourados, e-mail noellenppgdrs@gmail.com.

³ Mestrando do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos - Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS - Especialista em Planejamento e Gestão Pública e Privada do Turismo pela mesma instituição. Graduado em Turismo pela Universidade Estadual Paulista

how the directors of public schools in Ponta Porã / MS, frontier with the city of Pedro Juan Caballero (Paraguay), realize the interaction between formal and non formal education in the use of a cultural center. Data were collected by qualitative focus group method and information analysis was used discourse analysis technique. The results revealed the participants' perception that formal education coupled with non-formal spaces can contribute to the process of realization of quality education.

Keywords: Non-formal education. Cultural spaces. Interactivity. Development.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a qualidade da educação brasileira tem ganhado importância e a efetivação de um sistema de ensino eficiente se apresenta atualmente como objeto de políticas públicas e um grande desafio nacional. Tendo em vista a complexidade da temática, é importante compreender que a educação é essencialmente uma prática social que se altera no tempo e espaço e que devido às novas exigências sociais, recentemente tem sofrido alterações no sentido de corresponder aos paradigmas e a maneira de pensar da modernidade.

O sistema educacional do Brasil sofreu mudanças significativas em todos os níveis de ensino. Santos (2013) destaca os seguintes fatores: a ampliação do acesso e a continuidade de alunos nas escolas; a redução das desigualdades sociais de acesso; a criação de um sistema de avaliação estruturado, dentre outras propostas para melhorar a qualidade da educação nacional. Mas isso não foi suficiente em termos qualitativos, verifica-se que há um longo caminho a ser percorrido no processo de efetivação para uma educação de qualidade. Neste cenário, há a necessidade de repensar-se em: como melhorar a educação formal do país? O que é uma educação de qualidade? Será que a metodologia de ensino adotada pelas escolas está sendo eficiente na preparação de cidadãos?

Entende-se que em um ensino de qualidade o aluno deve aprender a ser, a compreender, a pensar, a se organizar e a mudar. Segundo Demo (1999), o método instrucionista adotado no Brasil, que prioriza a aula enquanto lugar de “decoreba” e reprodução, resulta na condição caótica apresentada pelos dados nacionais e internacionais de aprendizagem.

A educação tem se deparado com duas situações: o desempenho do sistema escolar, que não tem conseguido universalizar a educação básica e de qualidade, e as novas matrizes teóricas, que não apresentam ainda a consistência global necessária para indicar caminhos realmente seguros numa época de profundas e rápidas transformações. (GADOTTI, 2000).

Para Guimarães e Vasconcellos (2006), a educação não formal é uma importante ferramenta para ampliação da cultura científica e humanística, isso, por ser mais flexível em sua disposição espaço-tempo, partindo do pressuposto que para a nova significação da educação os agentes do sistema educacional precisam desenvolver metodologias diferenciadas, com um olhar além dos muros da escola, que perpassa a formalidade e consiga ligar elementos não formais da educação com a formalidade do ambiente escolar.

Este trabalho vai em direção da utilização de métodos não formais e tem como objetivo identificar o modo como os diretores das escolas municipais de Ponta Porã/MS percebem a utilização da educação não formal na complementariedade da educação formal e ressignificação do ensino.

Este artigo, além da introdução, está dividido em quatro seções: (i) A segunda seção está destinada ao referencial teórico, que é a base de fundamentação deste estudo, apresenta um panorama sobre o sistema educacional formal e o potencial da educação não formal; (ii) a terceira descreve o método de análise aplicado na pesquisa; (iii) a quarta evidencia o processo de análise após a aplicação do método com uma breve explicação dos resultados atingidos e (iv) na quinta seção são apresentadas as considerações finais.

OS PROCESSOS EDUCACIONAIS NUMA PERSPECTIVA SOCIAL

A educação, desde a antiguidade, sempre serviu a uma classe minoritária. Gadotti (2000) afirma que a educação, criada na sociedade escravista, nos moldes individuais de aprendizagem e direcionada para uma classe privilegiada, ainda permanece ativa na atualidade. Um novo modelo educacional, segundo o autor, surge a partir da obra de Rousseau e nos últimos dois séculos traz inúmeras conquistas, sobretudo no campo das ciências da educação e metodologias de ensino.

Todavia, os dois modelos, tanto o da educação nascida do escravismo como o novo

modelo baseado em Rousseau, têm em seu âmago a concepção de uma educação alicerçada em processos individuais de aprendizagem. Uma transformação dessa percepção virá com Vygotsky em sua teoria sócio-histórica (ou histórico-cultural) publicada somente vinte anos após sua morte, ocorrida em 1934 (REGO, 1995; OLIVEIRA, 1995; MIRANDA, 2005). A partir daí, os processos educacionais ganham uma perspectiva social e a educação formal parece não ser capaz de atendê-los em sua plenitude, pois não envolve o educando em um amplo contexto sócio-histórico-cultural. Vygotsky (1986) *apud* Miranda (2005, p. 10) afirma que o homem é “um agregado de relações sociais incorporadas num indivíduo”, portanto um “ser concreto que cria suas condições de existência na história ao mesmo tempo que a constrói”.

Como poderia o processo educacional então atender a essa complexidade do ser? A resposta parece surgir com a concepção da educação não formal, mais flexível e integradora. O surgimento da educação não formal se dá, não somente em resposta às ações formais de ensino que não respondem de forma efetiva a aprendizagem em um contexto histórico-social, mas também ao momento e questões sociais que a sociedade vem passando, onde há outras necessidades como a cultura e as artes. O sentido específico da educação sempre esteve relacionado ao espaço escolar; porém, isto vem se modificando e nunca alcançou tamanha amplitude. Relacionado ao campo das práticas educativas, Trilla (1996) afirma que este novo modelo de educação surge a partir de algumas críticas relacionadas à forma tradicional de educação, que, como visto, não dão respostas adequadas ao processo de aprendizagem.

Segundo Dourado, Oliveira e Santos (2007), a qualidade da educação está relacionada com as dimensões intra e extraescolares, revelam que este processo é um fenômeno complexo e amplo, que envolve múltiplas dimensões, onde não pode ser apreendido apenas por um reconhecimento da variedade e das quantidades mínimas de insumos fundamentais ao desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem; muito menos, ser apreendido sem tais insumos. Devem-se considerar os diversos fatores: a dinâmica pedagógica, as expectativas de aprendizagem, os currículos, bem como os fatores extraescolares que influenciam direta ou indiretamente nos resultados educativos.

Hannoun (1998), importante referência da área, faz-nos refletir sobre as crises e os avanços na educação, nos propõe pensar no papel e na finalidade da educação formal, sobretudo, numa perspectiva que transcende a modernidade e a pós modernidade, pois refere-

se à natureza e à especificidade ontológica da educação. Compreende a vida como movimento entre avanços e crises e que a existência da educação está nas relações entre seus sujeitos, reconhecendo que a educação não se faz sozinha, não de considerar os pressupostos instrumentais e fundamentais, bem como as contingências, demandas e insumos necessários, tanto os materiais quanto os subjetivos. O autor coloca no centro do seu fazer educativo o ser humano, como sujeito autônomo e capaz de tomar decisões, fazer escolhas, agir com coragem e entusiasmo para recriar a humanidade, assim, afirma que uma vez, munido dos pressupostos fundamentais o educador é provocado a tomar decisões visando o fazer educativo. (SANTOS, 2013)

Para conceituar espaço não formal de educação, Jacobucci (2008) mostra que se faz necessário definir espaços formais de aprendizagem. Segundo o autor, os espaços formais são aqueles relacionados a instituições escolares, ou seja, relacionados às Instituições Escolares da Educação Básica e do Ensino Superior, definidos na Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. É o espaço escolar com todas as suas dependências: salas de aula, laboratórios, quadras de esportes, biblioteca, pátio, cantina, refeitório.

Representada principalmente pelas escolas e universidades, Gadotti (2005), afirma que a educação formal tem objetivos claros e específicos. No Brasil, ela é formada por estruturas hierárquicas e burocráticas, que dependem de uma diretriz educacional centralizada com o currículo e com os órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. Quanto a educação não formal, o autor afirma ser “mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”, podem ter duração variável e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem.” (Gadotti, 2005 p.8)

Gohn (2006 p. 2) define a educação não formal como:

“... um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho por meio da aprendizagem de habilidades e/ ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem em objetivos comunitários voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem os indivíduos fazerem uma leitura do mundo, do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial à eletrônica, entre outras.”

De acordo com Guimarães e Vasconcellos (2006), com propósito na ampliação da cultura e construção de valores, a educação não formal deve aliar informação do ensino aprendizagem e entretenimento. Valores que reflitam o aumento do empoderamento da população, a partir da ampliação do exercício da sua cidadania. Para isso, ela deve também trabalhar para desmistificar a ciência e motivar o pensamento problematizador-crítico e investigador na compreensão dos problemas socioambientais.

O termo não formal muitas vezes é utilizado como sinônimo de informal e para melhor compreensão da temática, é importante demarcar e diferenciar estes conceitos.

Gohn (2006, p.28) apresenta a educação formal como sendo:

[...] aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados, a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados: e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas.

De acordo com Gadotti (2005), não pode haver fronteiras rígidas entre o formal e o não formal. O passado baseado em currículos monoculturais, que desprezavam a complexidade histórica social do indivíduo e eram focados no etnocentrismo, não auxiliam a compreensão da própria existência, que está entrelaçada no multiculturalismo, na relação intercultural das diversas práticas sociais. Portanto, o autor salienta que “os currículos interculturais de hoje reconhecem a informalidade como uma característica fundamental da educação do futuro” (GADOTTI, 2005, p.4)

Para Gohn (2006) a educação não formal não é organizada por séries, faixa etária ou conteúdos programáticos. Ela passa a atuar sobre aspectos subjetivos do grupo, trabalha e forma sua cultura política, auxilia no desenvolvimento de laços de pertencimento. Além disso, continua a autora, a educação não formal ainda ajuda na construção da identidade coletiva e colabora para o desenvolvimento da autoestima e do empoderamento criando o capital social de um grupo. Todavia, o alcance da não formalidade educacional pode ser limitado por falta de hábito da participação do educando em seu processo.

Os espaços não formais devem ser complementares ao ensino formal, de maneira que possibilitem uma educação mais abrangente e contemplem o ser humano como um todo social.

Guimarães e Vasconcellos (2006), afirmam que é importante que esses espaços não formais estabeleçam uma forte parceria com as escolas, já que essas instituições possuem o potencial de promover a continuidade do trabalho educativo de ação na sociedade.

Nessa perspectiva de construção do ser social, o professor possui um papel fundamental. Segundo Gadotti (2005), o professor deve ir além, não mais apenas como um lecionador ou mediador de conhecimentos, mas sim como um organizador da aprendizagem, que se preocupa e “cuida”. Assim, diante do aluno, que é o sujeito de sua própria formação, o professor precisa ser curioso, um aprendiz permanente, um cooperador e construtor de sentidos.

Segundo Freire (1997) em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, educar é uma conscientização e testemunho de vida e não a mera transferência de conhecimento. O autor salienta que educar é construir e reconhecer que a história é um tempo de possibilidades, é libertar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, que a autonomia, a dignidade e a identidade do educando têm de ser respeitadas, caso contrário, não se terá eficácia e se tornará "inautêntico, palavreado vazio e inoperante" (p.69).

A autonomia, a dignidade e a identidade do educando, apontadas por Freire, podem ser estimuladas pela associação entre a formalidade do ensino escolar e a vivência na educação não formal, com a presença do educador e do educando em espaços culturais e artísticos.

Segundo Araújo (2007), entre os fatores que levam os professores a incentivar a visita aos museus, primeiramente vem a apresentação interdisciplinar dos temas, seguida da interação com o cotidiano dos estudantes e, por fim, a possibilidade de aumento do nível cultural, proporcionado pela visita.

Abib et al., (2012), ao olhar para os espaços não formais, como os museus, reflete a relação existente entre o sujeito (professor), que contribui e influencia para a formação do cidadão, e aqueles que são orientados por ele (estudantes). A prática pedagógica, desde a formação docente inicial, passando pela prática do professor no cotidiano escolar e prosseguindo durante sua formação continuada, deve se estabelecer efetivamente em diferentes espaços educativos. O que os autores colocam é que o docente se constrói na interação social, nos espaços educativos e no processo dinâmico de aprendizagem quando interagem com seu(s) aluno(s).

ESPAÇOS DE CONHECIMENTO E INFORMALIDADE DE APRENDIZAGEM

Segundo Gadotti (2000), o aumento de espaços de conhecimento para além da escola, vem sendo disseminado por novas tecnologias, também por empresas, por espaços domiciliar e social. A sociedade civil, formada por ONGS, sindicatos, igrejas, associações etc, se apresenta, em muitos casos, como espaço de formação continuada e educativa e não apenas como espaço voluntário ou de trabalho.

Nessa nova proposta de educação que integra aspectos dos espaços não formais de aprendizagem, Guimarães e Vasconcelos (2006), apresentam o carácter metodológico não formal como uma oportunidade de ampliar a interdisciplinaridade dos conteúdos e contextualização.

Para Pereira e Carvalho (2010), os museus são espaços que mostram um outro olhar educativo, pois propiciam um cruzamento de fronteiras em direção a outras aprendizagens e discursos, disseminando uma infinidade de signos que causam diferentes percepções histórico-culturais.

Dentro da temática: espaços de conhecimento e educação não formal, Guimarães (2004) *apud* Guimarães e Vasconcelos (2006) apresenta a necessidade dos museus serem ambientes dinâmicos e educativos. Segundo o autor, esses ambientes se estabelecem através das relações entre seus atores, escola e comunidade e comunidade e sociedade nas disputas ideológicas por hegemonia. Considerada um processo complexo, esta abordagem relacional permite a construção de conhecimentos, opiniões e visões de mundo, capazes de superar a “armadilha paradigmática” presente predominantemente nos processos educativos atuais.

Segundo Jacobucci (2008), os novos museus, ora chamados de centros, de núcleos de ciência ou de espaços não formais, são locais públicos de divulgação científica transmitida através de exposições, amostras, cursos, atividades e diversos atrativos para o público visitante. Para o autor, esses espaços devem promover debates sobre assuntos de relevância para a formação cultural e científica do cidadão, recheados de história e fatos comuns do dia-a-dia e relacionados ao conhecimento científico.

Marandino e colaboradores (2008 p. 16), afirmam que a formação dos educadores é um aspecto fundamental na interação pedagógica das práticas e linguagens específicas do

espaço não formal. Para o autor, os espaços precisam ser planejados e organizados com preocupação no público alvo. Com base nisso o autor declara:

Atualmente, a preocupação em tornar a exposição acessível ao público é enfatizada, de maneira que este público a compreenda, tornando-a significativa. É preciso que o visitante seja ativo e engajado intelectualmente nas ações que realiza no museu e que as visitas promovam situações de diálogo entre o público e deste com os mediadores. Para isso, os setores educativos dos museus devem não só planejar bem suas atividades como concebê-las a partir de opções educacionais claras.

Segundo Abib et. al (2012), o museu também pode ser considerado um espaço de aprendizagem bastante válida para a formação do professor, entendendo o museu como um recurso que complementa e auxilia na valorização da atividade cotidiana dos docentes, e desta forma, por qual motivo, não se fazer uso desse espaço para maior efetivação de sua formação?

Mas, o que cabe à escola nesta sociedade informacional? Segundo Gadotti (2000), a escola deve aproveitar esse “bombardeio” de informações e organizar um movimento global de renovação cultural. Não basta apenas “modernizar” a educação, por ter um papel estratégico, ela precisa ser transformada com inteligência. Para o autor: "pela primeira vez a educação tem a possibilidade de ser determinante sobre o desenvolvimento". (DOWBOR, 1998 p. 259)

A escola está desafiada a ousar e inovar na construção do futuro. A escola deve servir como uma bússola, ou seja, orientar criticamente os educandos na busca de informações acertadas e que os façam crescer (GADOTTI, 2000).

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Esta seção compreende os aspectos metodológicos, inicialmente pela caracterização do tipo de pesquisa realizada, objetivos, descrição da técnica e os principais elementos para sua aplicação. O método utilizado no presente estudo, para entender a percepção dos participantes em relação ao tema, foi o procedimento qualitativo de coleta de dados, grupo focal.

Para Morgan (1997), o método grupo focal tem como objetivo principal revelar as percepções dos participantes a respeito de um tópico em especial, proposto pelo pesquisador. Sua característica é a interação grupal, em tempo limitado, que possibilita produzir dados e *insights* que seriam menos acessíveis sem a interação produzida em grupo. A natureza do grupo

focal consiste na interação entre os participantes e pesquisadores apoiada na clareza de propósito, com tópicos diretos e específicos. As decisões metodológicas dependem dos objetivos traçados e isto irá influenciar na composição dos grupos. (GONDIM, 2003).

Após a clara determinação do grupo social a ser estudado, Iervolino e Pelicioni (2001), afirmam que no grupo focal, técnica qualitativa, o propósito não é identificar a assiduidade de um determinado comportamento ou visão, seu objetivo é o entendimento de como se diferem ou se formam as opiniões, percepções e atitudes acerca de um fato, produto ou serviço.

De acordo com Ressel et al. (2008) é fundamental na organização e escolha do grupo focal, por ser uma formação intencional, ter clareza nos critérios de inclusão dos sujeitos na pesquisa. Para utilização da técnica é necessário a existência de no mínimo um ponto de semelhança entre os participantes.

Neste sentido, o processo do estudo ocorreu no dia 24 de junho de 2015, nas dependências da Secretaria Municipal de Educação do município de Ponta Porã/MS, o encontro foi gravado com o auxílio de um aparelho digital (Tablet Samsung GTP 5100) e posteriormente transcrito para a realização da análise.

O grupo focal da pesquisa teve uma duração média de uma hora e foi conduzido por um moderador e um relator com apoio de um roteiro pré-estabelecido. Segundo Kind (2004), o temário tem a função de orientação e auxilia na memorização das questões a serem abordadas, consideradas importantes. Como o propósito do método é que a discussão transcorra de forma espontânea, esta ferramenta (o roteiro) deve ser flexível e ainda assegurar que novas questões possam ser adicionadas.

De acordo com Krueger (1998) *apud* Iervolino e Pelicioni (2001), o papel do moderador é garantir uma discussão objetiva e clara, que aborde os tópicos de interesse do estudo por meio de uma intervenção discreta, mais ao mesmo tempo firme. Neste processo é ideal a presença de um colaborador relator para anotar os acontecimentos de maior importância na pesquisa e outro para auxiliar na observação (observador) da comunicação não verbal, de maneira a compreender os sentimentos dos participantes e se necessário intervir.

O universo de pesquisa contou com a presença de trinta diretores das escolas municipais do município de Ponta Porã/MS, incluindo as escolas rurais e os Centros Educacionais Infantis - CEINF's. No entanto, houve a participação efetiva/ ativa de 15 diretores

na pesquisa, ou seja, que apresentaram suas percepções e opiniões a respeito do tema.

O município de Ponta Porã está localizado no sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul e constitui uma área conurbada internacional com a cidade Pedro Juan Caballero (Paraguai). Com uma peculiaridade geográfica, as cidades “gêmeas” são separadas apenas por uma rua, a Av. Internacional, o que possibilita um intenso fluxo de pessoas na fronteira, tanto de brasileiros quanto paraguaios. No sistema educacional de Ponta Porã, a existência de alunos das duas nacionalidades em sala de aula é comum e a heterogeneidade cultural é um constante desafio para os agentes de educação fronteiriços.

De acordo com Santos e Moura (2000), os resultados obtidos pela técnica de grupo focal permitem colocar em prática pressupostos educativos de grande relevância social. O ponto de vista da população em estudo proporciona uma avaliação dos programas educativos através das necessidades identificadas.

A partir dos dados coletados no grupo focal, Iervolino e Pelicioni (2001), afirmam que por ser uma metodologia qualitativa, também há a necessidade de analisá-los de forma qualitativa. Nesse contexto, a técnica análise de discurso foi considerada como a mais apropriada para o tratamento dos dados do grupo focal.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

INTERAÇÃO ESCOLA/FAMÍLIA

As múltiplas dimensões, que envolvem a construção de uma educação de qualidade, evidenciam a grande complexidade a ser enfrentada pelos agentes da educação na contemporaneidade. Um dos principais objetivos da escola é construir a cidadania, onde os indivíduos atuem com os princípios democráticos de igualdade e justiça, mas ela por si só não consegue fazer sozinha. A inter-relação entre a família e a escola é percebida pelas diretoras como fundamental neste processo de transformação social: *“Então, eu digo sempre isso. Esta questão de valores não é só da escola, mas sim de um todo, onde essa criança ou esse grupo convive.”* (DIRETORA 1)

O papel da escola, nos últimos anos, sofreu uma significativa reestruturação quanto a sua importância na construção dos valores. As questões sociais que a sociedade vem passando,

com destaques para a “nova estrutura familiar” e a necessidade de sobrevivência no mercado de trabalho, são a realidade de muitas famílias. O sentido específico da educação sempre esteve relacionado ao espaço escola, no entanto este entendimento vem sendo modificado e nunca este conceito esteve tão amplo.

“... que hoje em dia, com a comunicação, com as tecnologias e com a necessidade da mulher trabalhar tanto quanto o homem, ... a criança perde, acaba perdendo. Então não existe mais a ilusão de que aquela criança, de vinte anos atrás que tinha, o pai, a mãe, o avô, avó, a tia ... todo aquele cuidado, hoje em dia a criança não tem, por conta das mudanças do mundo.”

O grupo pesquisado afirmou que a escola tem sido apontada pela sociedade como a principal responsável por diversos problemas sociais existentes na atualidade. Mesmo considerando sua importância na dinâmica do sistema educacional, as diretoras afirmaram que não se pode ignorar a responsabilidade da família e que estes devem agir em conjunto para que o sucesso seja cada vez maior. Neste processo de construção da identidade, a base da família e os valores herdados potencializam o ensino e tornam o trabalho do educador mais eficiente.

“ Eu vejo assim, que a sociedade como um todo está jogando para a escola tudo, tudo é da escola. O problema de trânsito é da escola, é não sei o que da saúde é da escola, tudo é da escola. Tá certo que ali agente lida com a base, mas fica muita carga, fica muito grande prá nós. Muita responsabilidade! A responsabilidade cresceu demais. “... então a escola se tornou muito importante, inclusive para abraçar todas as dificuldades, que as crianças estão trazendo pra dentro da escola. (...) os valores que hoje não estão vindo para nós. Sem valores!

Cabe salientar que o espaço escolar não pode se basear apenas pelas quantidades mínimas de insumos fundamentais e ao acesso do saber sistematizado. Para atingir o objetivo que é a educação deve-se estar comprometido e preparado para este desafio.

FORMAÇÃO DOCENTE PARA USO DE OUTROS MÉTODOS DE EDUCAÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n. 9.394/96, coloca o papel dos profissionais de educação em: “atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do educando” e quanto à sua formação destaca seus fundamentos em: “a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante capacitação em

serviço” e “o aproveitamento da formação e experiências anteriores”, adquiridas, estas, não só em instituições de ensino, mas também em “outras atividades”.

A presença de diversos fatores intra e extracurriculares no contexto da educação exige uma formação base dos agentes educadores, capaz de enfrentar as constantes transformações socioeconômicas e ambientais que ocorrem no ambiente social, devendo ser contínuas no dia-a-dia. Esta formação implica às instituições formativas o direcionamento desses futuros profissionais para novos rumos e que permita atender às novas exigências da sociedade. O grupo pesquisado afirma que existe um distanciamento entre o ensino das universidades e o ambiente de trabalho das escolas, onde o primeiro está pautado em uma “realidade imaginária”.

“É realmente no dia-a-dia que a gente aprende né. Mais na troca de experiências, discussão de grupos, eventos... na prática.

...quem fez pedagogia, letras, matemática, é tudo o ideal. Ali você trabalha com 20 alunos tudo cheirosinho, bonitinho bem comportado, tudo limpinho ai você chega lá na escola, pode ser de 20 anos atrás, você chega lá é outro. Entre o real e o ideal, a faculdade em si te ensina o ideal, ela te apresenta o ideal agora o real tá longe, isso nem chega perto. (...) a pedagogia está defasada nesse sentido, ela precisa oferecer mais.

O método pedagógico utilizado na educação atual, juntamente com nível e qualidade da formação docente, vem sendo discutido e apresentado como variáveis fundamentais para o desenvolvimento e crescimento do país. A dimensão de uma nova cultura entre os professores para que seja trabalhada a diversificação dos modelos em inovação, práticas e experimentação, neste sentido, se torna uma possibilidade de reforma educativa.

VISÃO DA INTERAÇÃO DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL COM A FORMAL

As inovações pedagógicas nas escolas que buscam as melhorias no ensino e que englobam a relação do ensino não formal com o formal, auxiliam a transformação do espaço educativo em uma gestora de conhecimento e não apenas em lecionadora de conteúdos. A escola está desafiada a romper paradigmas da sociedade apresentando exemplos concretos de sucesso na educação.

A partir de uma apreciação na literatura, acerca da conceituação da educação formal e não formal, sabe-se que existe uma diferenciação entre os termos. Com exceção à interpretação do ensino formal, os relatos do grupo pesquisado apresentou uma alteração quanto ao uso dos conceitos.

“Formal seria aquilo que está dentro do curriculum escolar e não formal é o que a gente faz muito, que infelizmente os pais não fazem mais, que é aqueles conceitos básicos, aquela educação mesmo de casa (por favor e obrigado).”

“A educação formal é aquela que a gente tem desde quando entra na escola um período de seis anos, essa foi a educação formal. A educação não formal, além daqueles conceitos éticos de educação, de sermos pacientes com o outro, é também aquela educação que carrega na vida toda,(...) são culturais, importante na vida de cada ser humano.”

Quando questionados sobre a interação da educação não formal com a formal, foi- nos possível notar a percepção que as participantes possuem a respeito do tema. Foi unânime a opinião de que consideram complementares ambos os métodos para ensino e também para a formação do professor. Como podemos perceber nos relatos advindos do grupo focal:

“A informação de educação não formal pra mim é tão importante quanto a formal. Por que assim, nos conhecemos tantas pessoas que não tiveram escolas e que sobreviveram bem de vida”.

“Podemos estudar todos em uma mesma universidade, mesma faculdade, o mesmo magistério, mesmo CEFAM, mas ninguém é igual, porque cada um tem a sua procura do informal. Informal é tão importante quanto o formal.”

Partindo das afirmativas do grupo, eles entendem a educação não formal como um caráter de complementariedade e não de oposição à educação tradicional. Nesta perspectiva, a educação passa a atuar em diferentes espaços, fora dos âmbitos escolares e com características culturais, lúdicas e artísticas e por este motivo se torna atraente para o seu público, no caso das escolas, crianças e adolescentes. Fundamentar-se em receitas prontas que não abordam as especificidades locais é um constante erro que deve ser eliminado.

FATORES LIMITANTES E/OU FACILITADORES PARA ATIVIDADES NÃO FORMAIS

Na perspectiva de uma nova educação baseada na relação entre o formal e não formal, alguns fatores são fundamentais neste processo, tais como: recursos financeiros, transporte, pessoas e a disponibilização de espaços culturais locais/regionais. Voltada para transformação social esta metodologia requer esforços principalmente na mudança de postura do professor, na de construção de saberes, de práticas, de hábitos, de atitudes e da conscientização de valores que possam contribuir para a construção da cidadania.

As principais problemáticas identificadas no presente trabalho permeiam a disponibilidade financeira, mas principalmente, a carência de atividades e espaços culturais no

município. Conforme pode ser notado no discurso abaixo:

“Eles não saem mais por falta de condições, falta de eventos. Que sempre que têm eventos aqui e que nos convidam , nos vamos passando aí pra diversas escolas.”

“se a pessoa não conhece, ela não vai, ela precisa conhecer, precisa ser despertada pra esse mundo externo, da família e da escola”.

Apesar de todas essas problemáticas existentes, percebe-se satisfatória a disponibilidade de transporte nas escolas municipais para as atividades, com pouca burocracia e não há qualquer tipo de resistência no quadro de docentes para trabalhar fora do espaço escolar. Conforme relatado pela secretária municipal: “*Na verdade todo mundo gosta de sair da rotina. Eles gostam. Eles não saem mais por falta de condições, falta de eventos*”.

Analisando os resultados, percebemos que o agravante maior para o desenvolvimento do ensino não formal para as escolas municipais de Ponta Porã/MS é a carência de ações e atividades locais que correspondam às necessidades do ensino formal (curricular) local e que auxiliem na construção e ampliação do conhecimento.

IMPLANTAÇÃO DE ESPAÇOS DE CULTURA LOCAL

Os espaços não formais de educação podem ser considerados grandes aliados na ressignificação do ensino formal. A importância desses ambientes se destaca pela comunicação e socialização do conhecimento, através da interatividade dos alunos. As escolas públicas do Brasil, em sua maioria, possuem deficiências em sua infraestrutura de pesquisa, como laboratórios e bibliotecas, assim esses espaços têm a possibilidade de suprir as necessidades das escolas e não apenas um mero armazém de objetos antigos.

A sociedade do conhecimento disponibiliza diversos espaços considerados não formais como: os Museus, os Centros de Ciências, os Parques Ecológicos, os Parques, os Jardins Botânicos, os Institutos de Pesquisa, os Aquários, os Zoológicos, as Bibliotecas entre outros e representam grandes estimuladores de conhecimento. Nestes ambientes, o contato direto do aluno com peças, relíquias, materiais, esculturas, favorece uma melhor compreensão e materialização dos assuntos abordados em sala de aula, que antes não poderiam ser visualizados ou apenas pelos meios virtuais. Quando questionadas sobre o entendimento e a

importância dos espaços não formais de educação, o grupo relatou:

“Aquilo que você aprendeu no formal, você vai ver lá no espaço como se fosse no real.”

“... você ver lá é totalmente diferente. Ou quando um aluno que você fala de tal poeta lá, ele acha assim que o poeta é uma pessoa fora do real, uma pessoa lá da televisão, então quando você leva pra ele ali, que ele vê que é de carne e osso, muda.

E esta importância da utilização dos espaços não formais não se restringe apenas aos alunos, mas se estende também aos professores. Na formação continuada dos docentes este tipo de atividade favorece ao aumento do conhecimento e o grau motivacional em sala de aula. Como podemos perceber no relato dos diretores referente a uma visita realizada na histórica fazenda Campanário:

Só foi professor, não foi aluno, mas tanto que a carga que o professor trouxe de lá, para estar dentro de aula para falar, porque quando você fala de um determinado assunto, você não viu. (...) o conhecimento que você adquiriu, sem ser formal, são situações que nos temos que vivenciar.

A inexistência de espaços culturais no município de Ponta Porã/MS é visto pelo grupo como uma problemática da educação local e que a cultura de frequentar esses tipos de ambientes deve ser trabalhada, como se percebe no relato: “*Pode ser que daqui a trinta dias seja colocado e ninguém vai prestigiar porque não faz parte ainda da cultura, mas vai depender muito de nós enquanto educadores, trabalhar a importância e estar estimulando*”.

A implantação de espaços culturais na região de fronteira funcionaria como facilitador no processo de ensino e quando questionados sobre o que o espaço cultural deveria conter para suprir as necessidades da escola, o grupo mencionou algumas características consideradas ideais para essa relação.

“Se começar por teatro, dança, é uma questão, é uma cultura. Nós temos a cultura de dança aqui, influência do Paraguai, quando a gente vai assistir uma apresentação da dança paraguaia o povo vibra, é maravilhoso é muito bom.”

“Então teatro, dança, a música, poesia, canto coral, a cidade precisa, acho que tudo isso é cultura, um cantinho da pintura, também, tem muita gente que gosta de pintar, assim tem muitos artistas aí, exposições de quadros de artistas, seria viável.”

As respostas do grupo apresentam o formato dos espaços não formais idealizados, contribuem para o entendimento das necessidades do ensino no município de Ponta Porã/MS. Percebe-se uma busca por ambientes que extrapolem a formalidade das escolas com exposições interativas e cativantes para os alunos, que retratem a história e a cultura local (influência paraguaia) e que consigam se conectar com os conteúdos ministrados. Para isso, estes espaços

devem não só planejar bem suas ações/atividades como também englobá-las a partir de opções educacionais claras.

CONCLUSÃO

No processo de formação individual, o tradicional modelo educacional no Brasil vem sendo analisado e questionado quanto a sua eficiência didática para a realidade contemporânea. Com um sentido mais amplo e para uma educação de qualidade, existe a necessidade de novas formas de prática educacional que eleve o nível de alfabetismo científico e cultural.

Assim, este artigo traz contribuições para a educação, através do entendimento da importância dos espaços não formais no contexto do ensino formal. A realidade e as necessidades apontadas pelos educadores nos levaram a considerar a existência de uma demanda, formada pelas escolas municipais de Ponta Porã para espaços não formais de educação, cuja finalidade é aproximar, difundir e discutir Cultura e Ciência.

A complexidade para um ensino de qualidade envolve o comprometimento de todos os agentes envolvidos, principalmente o professor. O papel de transformador social, influenciador e estimulador de curiosidades, envolve também a inclusão desses espaços nas atividades cotidianas escolares. No entanto, as contribuições desses espaços não se limitam apenas aos estudantes, sua utilização deve ser estendida à educação dos professores, seja no âmbito da formação inicial ou continuada.

O potencial desses tipos de espaços, quando agregados ao ensino formal, pode ser considerado uma importante ferramenta na viabilização de mudanças significativas na educação e no desenvolvimento como um todo. Nesse caso, defendemos a complementariedade do ensino formal com o não formal na ressignificação da educação.

REFERÊNCIAS

ABIB, M.L.V.S, et al. Os espaços não formais e sua relação com a formação de professores no contexto brasileiro. In: **Anais XVI Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – ENDIPE**. Campinas: ENDIPE, 2012. p. 1-12.

ARAÚJO, H. M. M. **Memória e produção de saberes em espaços educativos não-formais**. Cadernos do CEOM (UNOESC), v. 20 n. 26, p. 257-267, 2007.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. in **Diário da União**, ano CXXXIV, n. 248, 23.12.96.

DEMO, P. **Educação e desenvolvimento: mito e realidade de uma relação possível e fantasiosa**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

DOURADO, L.F.; OLIVEIRA, J.F.; SANTOS, C.A. Políticas e gestão da educação básica no Brasil: limites e perspectivas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 921- 946, 2007.

DOWBOR, L. **A reprodução social**. São Paulo, Vozes, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, M. **A questão da Educação formal/não-formal**. Institut international des droits de l'enfant (ide) Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Sion (Suisse), 18 au 22 octobre 2005.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo Perspec.** vol. 14 n. 2 São Paulo Apr./June 2000.

GOHN, M. da G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: **aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006

GONDIM, S. M. G. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**. Bahia: Paideia, v.12, n.24, 2003, p.149-161. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>>. Acesso em 17 de abr. 2015.

GUIMARÃES, M.; VASCONCELLOS, M. M. N. Relação entre educação ambiental e educação em ciências na complementaridade dos espaços formais e não formais de educação. **Revista Educar**, Curitiba, n. 27, p. 147-162, 2006.

HANNOUN, H. **Educação: certezas e apostas**. São Paulo: UNESP, 1998.

IERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M.C.F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 35, n.2, p.115-21, jun, 2001.

JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. **Em extensão**, Uberlândia, v.7, 2008.

KIND, L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v.10, n.15, p.124-36, 2004.

MARANDINO, M. (Org). **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo, SP: GEENF / USP, 2008.

MIRANDA, M. I. Conceitos centrais da teoria de Vygotsky e a prática pedagógica. **Ensino em**

Re-Vista, 13(1) : 7-28, jul. 2005.

MORGAN, D. **Focus group as qualitative research**. Qualitative Research Methods Series. 16. London: Sage Publications, 1997.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1995.

PEREIRA, J. S; CARVALHO. M. V. C. **Sentido dos Tempos na Relação Museu/Escola**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 30, n. 82, p. 383-396, set.-dez. 2010 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> acesso em: 16/04/2015

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. - 17^a ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

RESSEL, L. B. *et al.* **O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa**. Texto Contexto Enferm, v.17, n.4, p. 779-86, 2008.

SANTOS, J. B. Avanços e desafios da Educação Brasileira na atualidade: uma reflexão a partir das Contribuições de Hannoun e a Educação Infantil como aposta Enactante. In: XXVI Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação, 2013, Recife/PE. **Cadernos ANPAE**, 2013. v. I. p. 1-14.

SANTOS, K. S.; MOURA, D. G. Um estudo de caso aplicando a técnica de grupo focal para análise e melhoria de serviço público de emergência odontológica na região metropolitana de Belo Horizonte. In: **Educação tecnológica**. Belo Horizonte, V. 5, nº 2, 2000

TRILLA, Jaume. **La educación fuera de la escuela**. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.